

VIVENCIANDO A NECESSIDADE DE ACESSIBILIDADE

Coordenador: NAIR IRACEMA SILVEIRA DOS SANTOS

No contexto das políticas públicas de inclusão, definidas nos diversos campos (educação, trabalho, saúde, assistência e mobilidade urbana), a Lei 10.098 de 19 de dezembro de 2000 estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. A mesma lei define acessibilidade como "possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida". Sabe-se que apesar das leis e políticas vigentes, temos muitos desafios quando se trata dos processos de inclusão, especialmente no que diz respeito às condições de acessibilidade. A proposta problematizará as condições de acessibilidade no espaço urbano e na universidade, oferecendo aos participantes experiências vividas por pessoas com deficiências, com todas as dificuldades de acesso e locomoção que se apresentam nos diversos locais de circulação. Serão simuladas, de forma lúdica, dificuldades cotidianas, para que haja sensibilização dos participantes com relação à realidade das pessoas com deficiência. Serão utilizados: bengala, venda para os olhos e cadeira de rodas. O espaço será dividido em três momentos: no primeiro, citaremos dificuldades encontradas pelas pessoas com deficiência na cidade, nas escolas e principalmente nos Campi da universidade, sempre deixando aberto o espaço para observações dos participantes. No segundo momento, proporemos a experimentação de dificuldades oriundas da falta de acessibilidade. Pretendemos vender os olhos de um primeiro grupo de participantes, orientando-os a guiarem-se pela audição, com ajuda de uma bengala. Um segundo grupo será orientado a se locomover em uma cadeira de rodas, alternando-se as experiências para todos os participantes que tiverem interesse na experimentação. No momento em que os oficinandos estiverem vivenciando as deficiências iremos lembrando as dificuldades citadas. Por exemplo, quando o participante com a cadeira de rodas estiver em frente a um degrau, podemos dizer "imagine a escada do Campus do Vale"; para o participante vendado com a bengala, algo como "imagine se há um orelhão na sua frente sem piso tátil ao redor". Pediremos então que os participantes descrevam o que sentiram e qual o grau de dificuldade que tiveram, o que nos levará ao terceiro momento da oficina. No momento de finalização refletiremos sobre a necessidade de acessibilidade para as pessoas com deficiência, o quanto isso influencia em suas vidas e o quanto elas podem se superar

tendo condições necessárias para isso. Considerando que no próximo ano haverá a rediscussão da política de cotas na universidade, provocaremos uma reflexão dos participantes sobre o ingresso de estudantes com deficiências na universidade, lembrando que várias instituições de ensino superior já adotaram um sistema diferenciado de acesso para este público. Referências: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Público-alvo: Quaisquer pessoas que queiram participar da atividade proposta, dando preferência às pessoas sem deficiência, pois são as que não sentem as dificuldades que serão dinamizadas e a quem nos interessa sensibilizar. Máximo de 12 pessoas.